



O IMPERATIVO GRAMATICAL EM GIBIS DA TURMA DA MÔNICA: UM ESTUDO EM TEMPO REAL

THE GRAMMATICAL IMPERATIVE IN TURMA DA MÔNICA'S COMIC BOOKS: A REAL-TIME STUDY

ALUIZA ALVES ARAÚJO

aluizazinha@hotmail.com

Universidade Estadual do Ceará

ANNA KESYA FERREIRA LIMA

kesya1@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará

KETHLEEN DE ALMEIDA CLAUDINO

kethleen.almeida@aluno.uece.br

Universidade Estadual do Ceará

Resumo: Este trabalho, embasado na Sociolinguística Variacionista, tem como objeto de estudo o uso do modo verbal imperativo na forma associada ao indicativo ou subjuntivo. Seu *corpus* é constituído por 23 gibis da *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*. Os exemplares, coletados para este estudo, abrangeram as décadas de 80, 90 e a primeira e segunda década do século XXI. O objetivo deste trabalho é verificar quais variáveis interferem no uso do imperativo, analisando o fenômeno em narrativas de quadrinhos. Após a submissão dos dados ao *software Goldvarb X*, os resultados demonstraram uma diminuição expressiva do imperativo associado ao subjuntivo e o aumento do uso do imperativo na forma indicativa através das décadas. Além disso, o entendimento de como as diferentes gerações se expressam foi apontado como influenciador do aumento do uso da forma indicativa.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; Imperativo indicativo; Gibis.

Abstract: *This work is based on Variationist Sociolinguistics. It has as object of study the use of the imperative verbal mode in the form associated with the indicative or subjunctive. The corpus is made up of 23 comics of Turma da Mônica and Turma da Mônica Jovem. The comics collected for this study were published in the 1980s, 1990s and in the first and second decades of the 21st century. The objective of this work is to verify which variables interfere in the use of the imperative in these comic books. After submitting the data to the Goldvarb X software, the results demonstrated the increase of the use of the imperative in the indicative form throughout the decades. Furthermore, the understanding of how different generations express themselves was pointed out as having influence on the increase of the use associated with the indicative form.*

Keywords: *Variationist Sociolinguistics; Imperative indicative; Comic books.*

Introdução

A Sociolinguística Variacionista é baseada em três postulados definidos por (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010). Eles se dividem em: a) relação entre língua e sociedade; b) análise de regras variáveis a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos; e c) minimização de



preconceito linguístico. Esses pressupostos convergem para o estudo da língua do ponto de vista empírico a partir do estudo das comunidades de fala, pois, a partir da variação, são elaborados mecanismos para compreender a vasta e complexa estrutura linguística. Labov (1978) aborda a heterogeneidade linguística como uma característica comum a todas as línguas. Segundo ele, a regra variável se configura como diferentes enunciados referentes ao mesmo estado de coisas com igual valor semântico, sendo definidas como variantes de uma mesma variável (LABOV [1972] 2008).

Embasado na Sociolinguística Variacionista, este trabalho busca analisar quais condicionamentos interferem no uso do imperativo nas revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*, tomando, como variáveis extralinguísticas para análise, a faixa etária, os personagens e a década, pois defendemos que estes grupos de fatores são os de maior relevância para o fenômeno em estudo. Além disso, nesta investigação, também comparamos os nossos resultados com os achados de Andrade, Melo e Scherre (2007), cuja proposta se assemelha a que fora delimitada por nós.

A gramática normativa do português brasileiro explica que o modo se refere às diferentes formas que o verbo pode assumir na expressão de um fato. O modo indicativo é usado para expressar certeza, exprime uma ação com precisão, uma realidade que não perpassa as margens da dúvida. O modo subjuntivo se refere a uma possibilidade, algo duvidoso e impreciso. Já o modo imperativo está relacionado à expressão de ordens, pedidos ou conselhos. O imperativo afirmativo é formado a partir de formas próprias para as segundas pessoas do singular e do plural. As outras pessoas do discurso se originam do presente do subjuntivo. Contudo, o imperativo negativo não apresenta formas que o caracterizam, sendo ele originário do presente do subjuntivo (cf. ROCHA LIMA, 2002, p. 129; CUNHA; CINTRA, 1985, p. 465).

Tratando de temática semelhante a deste estudo, encontramos o trabalho de Mendes (2015), que estudou a variação ou mudança na utilização dos modos verbais e o de Lima (2014), que abordou a existência de fatores que favorecem a realização do indicativo ou do subjuntivo em enunciados no modo imperativo. Cardoso (2006) dedicou-se a analisar e descrever o uso do imperativo no português brasileiro e sua relação com a sintaxe de negação. Borges (2005) analisou as ocorrências do modo indicativo imperativo em tirinhas publicadas em jornais paulistas. Esses trabalhos, além de abordarem a temática com foco nos modos do verbo, também possuem, como *corpus*, textos que circulam em diferentes meios de comunicação. O trabalho de Andrade, Melo e Scherre (2007) norteou as nossas primeiras hipóteses na perspectiva de mudança temporal do uso do imperativo e nos motivou no sentido de instigar a ideia de ampliação do estudo do tema. Além disso,

o trabalho das autoras traz uma metodologia replicável que se adequa ao desenho inicial do estudo que relatamos neste artigo.

Deste modo, esta pesquisa se justifica por ampliar o escopo dos estudos que analisaram o uso do imperativo na língua portuguesa, além de somar trabalhos na área da sociolinguística que se ocupam da análise da língua em narrativas, a partir de textos escritos que também se aplicam às situações reais de comunicação devido ao contexto em que são empregados. Para tanto, a metodologia consistiu na coleta e seleção dos gibis para a identificação dos exemplares, seguida da codificação e digitação das ocorrências. Logo após, os dados foram submetidos ao *software Goldvarb X*. E, por último, construímos a nossa interpretação sociolinguística dos resultados com base em seus postulados e pesquisas anteriores sobre o tema em análise.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, procuramos responder às seguintes perguntas: (1) Quais variáveis influenciam o uso do imperativo nas revistas em quadrinho da *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*?; (2) Qual(is) variável(is) interferem no comportamento do imperativo associado ao indicativo nos gibis?; e (3) Comparando os resultados desta pesquisa com os que foram obtidos pelo estudo de Andrade, Melo e Scherre (2007), qual(is) aspectos relevantes são encontrados?

Para além desta introdução e das considerações finais, este trabalho está organizado em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos algumas considerações sobre a Sociolinguística Variacionista, teoria na qual este estudo está embasado. Na segunda seção, buscamos abordar algumas pesquisas já realizadas acerca do fenômeno analisado. A terceira seção é dedicada à metodologia aplicada no estudo e a descrição do *corpus*. Por fim, na quarta seção deste trabalho, apresentamos a análise e a discussão dos resultados.

A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista incorpora pesquisas linguísticas cujo objeto principal é a variação, sendo ela um fator inerente às línguas naturais. Labov (1972; 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010) aponta em seus estudos os seguintes pressupostos da sociolinguística de vertente variacionista: a) relação entre língua e sociedade; b) análise de regras variáveis a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos; e c) minimização de preconceito linguístico. A partir desses pressupostos, Labov lança uma nova perspectiva de análises ao considerar a vasta gama de recursos e fenômenos linguísticos ocorrentes nas comunidades de fala. O empirismo dos estudos sociolinguísticos permitiu a sistematização dos usos de diferentes fenômenos existentes nas línguas, ampliando as concepções

do pesquisador no que concerne às inúmeras possibilidades de organização do sistema linguístico.

A questão da heterogeneidade linguística tem sido fonte de debates entre linguistas e pesquisadores ao redor do mundo. Esse aspecto das línguas é debatido a partir de correntes teóricas desde meados do século XX.

Para os estruturalistas, a exemplo de Ferdinand Saussure, os sujeitos não nascem com a capacidade da linguagem. Para eles, a linguagem não seria um conjunto de regras, mas uma relação de estruturas (SAUSSURE [1915] (2008)). A aquisição da linguagem era vista como algo mecânico, condicionado de acordo com a psicologia behaviorista. No entanto, para os gerativistas, a linguagem é vista como uma capacidade inata do ser humano, o que Chomsky (1957) define como a Faculdade de Linguagem. Os gerativistas defendem que, a partir de regras gramaticais, é possível formular sentenças infinitas em uma língua sem levar em conta ou até mesmo sem a necessidade de contextos prévios para a elaboração dessas sentenças.

Situando melhor os estudos da variação abordados pela sociolinguística, temos como característica dominante o princípio da heterogeneidade. Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (1994, 2006, 2008) abordam a questão social na natureza das línguas por meio da observação dos fenômenos de variação. Tarallo (1985) ressalta que a variação linguística não acontece de forma aleatória, o que poderia remeter à ideia principal do gerativismo de Chomsky. Segundo Tarallo (1985), a variação ocorre sempre a partir de um jogo de interação entre fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que levam ao uso de determinadas variantes. Na perspectiva da sociolinguística de orientação laboviana, o foco não está somente para os aspectos internos da língua, mas também na abordagem de sua configuração social, entendendo-a como um sistema complexo movido por distintas manifestações que podem ser analisadas nos níveis estrutural e social (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Acerca das modificações estruturais, Labov (2008, p. 87-88) afirma que:

[...] se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto a estrutura muda? [...] a solução para essa questão fundamental repousa na decisão de romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade. No lugar dela, propusemos que uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua.

De acordo com Figueroa (1996, p. 71), quando se fala da Sociolinguística como o estudo da língua em seu contexto social, isso não deve ser interpretado de forma errônea. Os estudos sociolinguísticos de orientação laboviana não se configuram como uma teoria da fala, tampouco da análise da língua com o objetivo único de descrevê-la, e sim focaliza o estudo do uso da língua seguindo um caminho para verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística (*langue*).

2.1 Estudos variacionistas sobre o uso do imperativo no português brasileiro

Com temática semelhante à proposta deste artigo, encontramos o trabalho de Mendes (2015), que estudou a variação ou mudança na utilização do modo imperativo e apontou a tendência de conversão do mesmo para o modo indicativo a partir da análise de textos de *blogs* produzidos por universitários. Ao finalizar sua pesquisa, Mendes concluiu que desponta, como tendência no português brasileiro, a conversão do modo verbal do imperativo para o indicativo.

Tratando do mesmo tema, Lima (2014) estudou a existência de fatores que favorecem a realização do indicativo ou do subjuntivo nos enunciados imperativos, tendo, como *corpus*, propagandas de instituições bancárias, operadoras de telefonia, cervejarias, dentre outras disponíveis na internet.

Cardoso (2006) descreveu e analisou o uso do imperativo na variedade de língua portuguesa brasileira e sua relação com a sintaxe de negação. Além disso, a autora abordou questões morfossintáticas e históricas que circundam a variação desse fenômeno. Neste estudo, Cardoso observou ocorrências do modo imperativo a partir de *corpora* já analisado constituído por diálogos da fala e da escrita. Os dados foram compostos de análise de discurso falado, análise de dados de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, análise de dados de língua falada em Salvador e dados de língua escrita de José J. Veiga. A partir deste estudo, Cardoso concluiu que o uso do modo imperativo gramatical apresenta variação entre as formas do imperativo verdadeiro e do imperativo substituto. A autora também aponta para a interferência dos fatores linguísticos e extralinguísticos nesse processo a partir dos percentuais revelados na análise quantitativa.

Borges (2005) analisou tirinhas publicadas em jornais paulistas e verificou ocorrências expressivas do modo indicativo imperativo, constatando que fatores, tais como a presença de verbos no singular/plural e a existência de clíticos podem ser determinantes no momento da escolha da forma imperativa.

Para estabelecermos comparações entre os resultados obtidos neste estudo, tomamos o trabalho de Andrade, Melo e Scherre (2007) que analisaram o uso do imperativo relacionado ao modo indicativo e subjuntivo em gibis da *Turma da Mônica*. As autoras apontam que as orações no imperativo do português brasileiro falado ou escrito evidenciam processos de variação que não seguem a norma padrão da língua por conta da possibilidade de alternância entre as formas do imperativo em contextos sociais isolados do uso do pronome *você*, fato ocorrido nos discursos dos



personagens da revista do cartunista e escritor Maurício de Sousa.

Andrade, Melo e Scherre (2007) defendem que os personagens da *Turma da Mônica* são representantes da fala real brasileira, no caso, a da região sudeste, onde o escritor Maurício de Sousa e sua equipe se localizam e, que guardando as devidas proporções entre a fala e a escrita, esses personagens são exemplares de informantes válidos, pois são sujeitos "semelhantes aos encontrados na vida real" (PAGOTTO, 2004, p. 102 *apud* ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007, p. 6).

Após esse breve apanhado acerca de alguns trabalhos que estudam a forma imperativa na língua portuguesa do Brasil, vimos que esta é uma temática que pode ser trabalhada de diversas maneiras a partir da perspectiva da sociolinguística variacionista com diferentes tipos de *corpora*, trazendo contribuições importantes a respeito do entendimento do que a estrutura linguística pode nos revelar, quando fenômenos como esse, sobre o qual nos debruçamos, são analisados sob o viés sociolinguístico.

Metodologia

Para este estudo, coletamos revistas da *Turma da Mônica*, publicadas a partir de 1980, e da *Turma da Mônica Jovem*, publicadas a partir de 2010 em diante. Após essa coleta, analisamos um total de 23 gibis para a verificação do fenômeno do uso do imperativo nos respectivos exemplares. As revistas da *Turma da Mônica Jovem* constituem uma linha atualizada de gibis da *Turma da Mônica* em estilo Mangá¹³. Nesta nova versão, os personagens são adolescentes e possuem um estilo diferente, se comparados às edições infantis. A edição Número Zero desta temporada foi lançada em agosto de 2008 para colecionadores com posterior lançamento da edição Número Um para o público em geral.

Mollica (2003) explica que o termo variável dependente é utilizado para o entendimento de que o uso das variantes constituintes dessa variável “não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural” (MOLLICA, 2003, p. 11). A nossa variável dependente é o uso do imperativo associado ao indicativo nas revistas da *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*.

Quanto às variáveis independentes, elencamos, para este trabalho, os seguintes grupos de fatores extralinguísticos, a saber: faixa etária, personagens e década. Quanto à faixa etária,

¹³ Mangás são histórias em quadrinho típicas do Japão. Eles são desenhados em preto e branco, e têm traços característicos, como personagens com olhos grandes e expressivos.



trabalhamos com dois grupos: os gibis da *Turma da Mônica* com os personagens ainda criança, que são os tradicionais e os gibis com eles na fase adolescente, lançados desde 2010 com um estilo diferente dos gibis tradicionais.

Os gibis da *Turma da Mônica Jovem* vêm em estilo mangá e tratam de assunto envolvendo internet, jogos e filmes. Com relação aos personagens, analisamos 12 ao todo. Eles foram organizados pelas falas individuais de cada um e distribuídos em macrogrupos, divididos em personagens rurais, personagens urbanos e outros personagens. O fator intitulado personagens rurais englobava “Chico Bento” e “Demais personagens da área rural”. Já o macrogrupo de personagens urbanos é constituído por “Mônica”, “Cebolinha”, “Cascão”, “Magali” e “Demais personagens da área urbana”. Quanto aos outros personagens, temos, ainda, os seguintes: “Virtuais” (que incluem robôs e computadores falantes), “Indígenas” (os personagens da turma do Papa-Capim), “Pré-históricos” (o personagem Piteco e sua turma e os dinossauros), “Animais” (os animais de estimação da turma e os da fazenda) e “Inanimados” (placas e sinais estáticos). E finalmente, as décadas foram separadas em quatro grupos: os anos de 1980, 1990, 2000 e 2010. Os gibis foram separados por décadas, mas os da turma jovem só começaram a ser lançados a partir dos anos 2000, logo só podemos categorizar os dados de 2000 até 2010 para a *Turma da Mônica Jovem*.

O *software Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) foi utilizado para a realização das análises estatísticas. O *Goldvarb X* é uma adaptação do VARBRUL (cf. PINTZUK, 1988) para ambiente virtual *Windows*. Tal recurso computacional permite ao pesquisador identificar, dentre outras atribuições, as variáveis de maior relevância para a regra variável analisada.

A utilização do *Goldvarb X* possibilitou que observássemos as ocorrências relativas ao uso do imperativo e seu uso através das décadas, para que pudéssemos estabelecer comparações com os dados encontrados nos trabalhos de Andrade, Melo e Scherre (2007) que trabalharam apenas com as revistas da *Turma da Mônica* em sua edição infantil. A partir das rodadas na ferramenta estatística, também, foi possível observar o uso do imperativo pelos personagens e suas oscilações entre a turma criança e jovem.

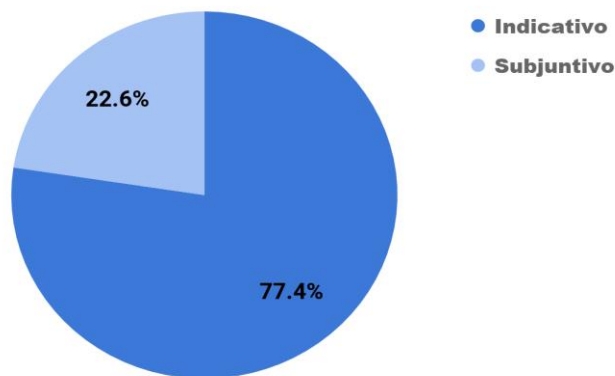
Análise dos dados

A presente pesquisa gerou um total de 1027 dados a partir da análise de 23 gibis. Diferentemente de Andrade, Melo e Scherre (2007), que usaram gibis das décadas de 70, 80, 90 e a primeira década do século XXI, foram usados gibis dos anos 2010 em diante, porém os da década de 70 não fizeram

parte do *corpus* da nossa pesquisa. Desse modo, o período de análise feito no presente trabalho abrange as décadas de 80, 90, e a primeira e a segunda década do século XXI.

O primeiro olhar lançado aos dados foi com relação à porcentagem do uso do imperativo relacionado às duas variantes (indicativo e subjuntivo), como mostra o Gráfico 1.

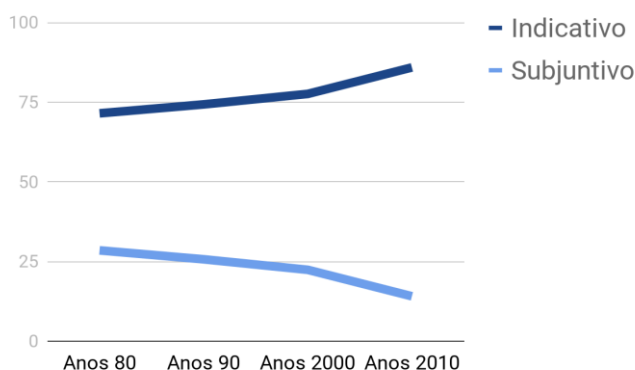
Gráfico 1 - Porcentagem do uso do imperativo relacionado ao indicativo e ao subjuntivo nas revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*



Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Gráfico 1, podemos observar que o uso do imperativo associado ao indicativo foi expressivamente maior, contabilizando um total de 77,4% das ocorrências catalogadas (de 1.027 dados, 795 representaram a forma associada ao indicativo). Andrade, Melo e Scherre (2007) também apontaram para esse gradual aumento do uso da variante, afirmando que esse fenômeno “se configura [...] como mudança em progresso” (p. 2). Tal mudança ocorreria em um intervalo de uma geração para outra. Outra constatação de Andrade, Melo e Scherre (2007) foi o aumento do uso do imperativo associado à forma indicativa no decorrer das décadas, fato também encontrado no nosso trabalho. O uso da forma associada ao subjuntivo foi claramente sendo deixada de lado, como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2 - Uso do imperativo através das décadas nas revistas em quadrinho da *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Desde os anos 80, o uso da forma associada ao subjuntivo vem caindo em desuso, porém a queda da forma é ainda maior depois dos anos 2000, culminando na ascensão da forma indicativa. O percentual de uso da forma subjuntiva caiu de 28,5 %, nos anos 80, para 14,1 nos anos 2010. Em contrapartida, o percentual de uso da forma indicativa teve uma elevação de 71,5%, nos anos 80, para 85,9%, em 2010, um aumento de quase 14 pontos percentuais. Em termos labovianos, essa variação pode ser caracterizada por uma mudança em progresso, que é um processo de variação que se aproxima de uma consolidação de uma dada variante identificada. Assim, a região sudeste - onde os gibis são publicados - pode vir a observar o apagamento da forma do imperativo associada ao subjuntivo, visto que essa variação já se encontra na escrita, que diferentemente da fala, passa por mudanças mais lentas.

Para encontrar as variáveis mais relevantes do estudo, rodamos os dados coletados no programa *GoldVarb X*. O grupo selecionado foi justamente o da variável independente "décadas", ou seja, o período histórico em que os gibis foram publicados. Os resultados podem ser vistos na Tabela 1.

Tabela 1 – Uso do imperativo associado ao indicativo através das décadas nas revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*

| DÉCADAS | APLICA/TOTAL | % | PESO RELATIVO |
|---------|--------------|------|---------------|
| 1980 | 191/267 | 71,5 | 0,417 |
| 1990 | 84/113 | 74,3 | 0,452 |

| | | | |
|-------------|---------|------|-------|
| 2000 | 337/434 | 77,6 | 0,497 |
| 2010 | 183/213 | 85,9 | 0,634 |

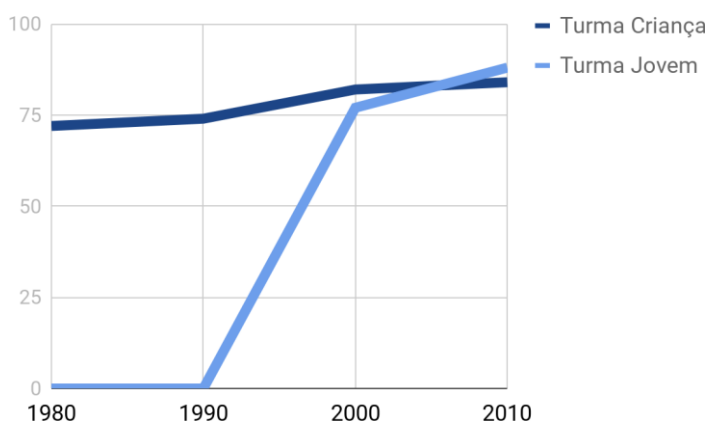
INPUT: 0.779

SIGNIFICANCE 0.003

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A Tabela 1 mostra, como já relatado, que o uso do imperativo associado ao indicativo vem aumentando no decorrer das décadas, mais ainda na década de 2010. O peso relativo foi o único relevante das quatro décadas (0.634). Como Meyerhoff (2006, p. 297) explica, o peso relativo (weighting) “[e]xpressa a probabilidade ou chances de que uma variante ocorrerá em um dado ambiente linguístico ou extralinguístico”¹⁴. Nas décadas anteriores, os pesos relativos tiveram mudanças pequenas, ficando sempre na casa do 0.400 (0.417 em 1980, 0.452 em 1990 e 0.497 em 2000). Comparando os resultados de Andrade, Melo e Scherre (2007) com os da nossa pesquisa - um dos objetivos desse trabalho - o Gráfico 3 mostra os achados das duas pesquisas entre as décadas de 70 e os anos 2010.

Gráfico 3 - O imperativo associado à forma indicativa no estudo de Andrade, Melo e Scherre (2007) e na nossa pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras.

As revistas usadas na análise da nossa pesquisa foram publicadas em um intervalo de 32 anos (de 1981 a 2013). Em cada década, observamos a seguinte porcentagem: 71.5% em 1980; 74.3% em

¹⁴ Todas as traduções não referenciadas são de autoria nossa.

Texto fonte: “Expresses the probability or likelihood with which a variant will occur in a given linguistic environment or with a given non-linguistic factor.”

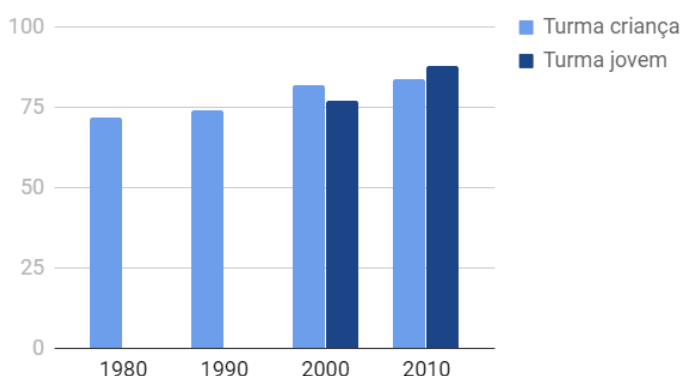
1990; 77.6% nos anos 2000; e 85.9% nos anos 2010. Já Andrade, Melo e Scherre (2007), em um intervalo de 35 anos (de 1970 a 2005), obtiveram o resultado de “7% na década de 70; 51% na década de 80; 57% na década de 90 do século XX; e 72% na década de 00 do século XXI” (p. 2). Nesse contraponto, mostrado no Gráfico 3, notamos haver um aumento do uso da forma associada ao indicativo em ambas as pesquisas, porém as frequências de uso foram visivelmente mais elevadas no nosso estudo. É importante citar que as autoras usaram como *corpus* 172 revistas (3632 dados) e, entre elas, 111 (64%) eram dos anos 2000 até 2005, enquanto nosso *corpus* foi formado por 23 gibis de 15 (65%), pertencentes aos anos 2000 até 2013. Ou seja, o percentual de revistas analisadas deste milênio foi aproximado nos dois estudos. Com a comparação dos resultados das duas pesquisas, foi possível notar um começo de uma “mudança em progresso”, segundo Labov (1981), do uso do imperativo, sendo agora a forma associada ao indicativo a mais frequente.

É interessante notar que existe uma diferença, também na faixa etária das revistinhas, não abordada por Andrade, Melo e Scherre (2007). Desde 2008, vêm sendo lançadas as revistinhas da *Turma da Mônica Jovem*, uma versão atualizada e direcionada para uma nova geração (*Millennials*). As temáticas levantadas nessa versão são relacionadas à internet, jogos, *animes*¹⁵ e vários outros elementos da cultura *pop*. Além disso, há mudanças significativas nas características dos personagens, por exemplo: Cebolinha agora não apresenta dislalia - sua icônica troca do “r” pelo “l” - apenas a demonstra quando está nervoso; Chico Bento não fala mais o “caipirês” das revistinhas da turma criança, agora o personagem domina a variedade culta da língua portuguesa falada nas grandes metrópoles e está indo para a faculdade na cidade grande, porém também demonstra traços da variedade rural, quando está nervoso; e Cascão incorpora um garoto descolado que fala gírias relacionadas à internet, jogos e *animes*. Essas mudanças trouxeram significativas alterações nas falas da *Turma da Mônica Jovem*, mudanças essas que espelham o falar dos jovens da geração conectada.

O Gráfico 4 demonstra essa diferença da fala das crianças e dos jovens nos gibis. No entanto, essa comparação só pode acontecer entre as décadas de 2000 e 2010 pelo fato de os gibis da *Turma da Mônica Jovem* terem sido publicados apenas a partir dos anos 2008.

Gráfico 4 - Relação entre faixa etária e décadas no uso do imperativo associado ao indicativo nas revistinhas em quadrinhos da *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*

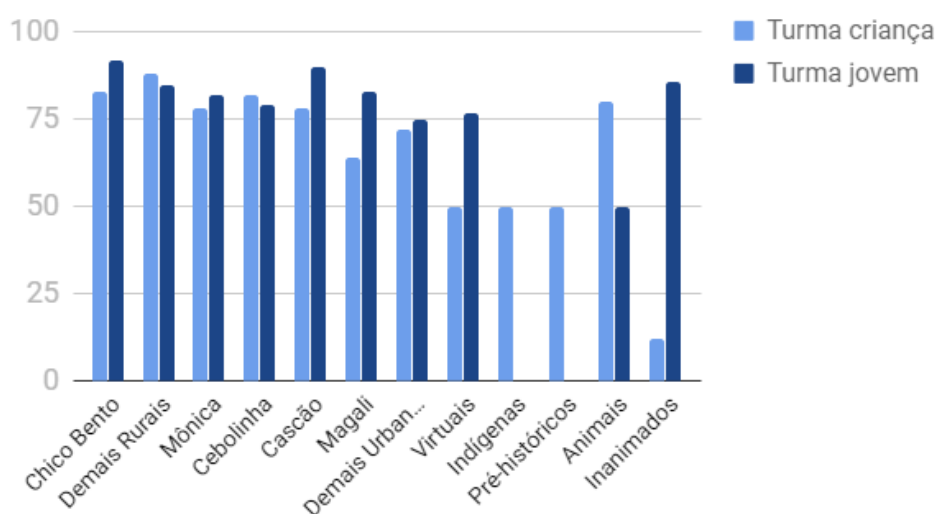
¹⁵ Animes são desenhos animados japoneses.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O uso do imperativo gramatical associado ao indicativo nas décadas de 2000 e 2010 aconteceu quase na mesma proporção para as duas faixas etárias, havendo um pequeno aumento da variante de uma década para outra. Além disso, é interessante notar que o crescimento foi mais notável na turma jovem do que nos gibis da turma criança. Os gibis da *Turma da Mônica Jovem* tiveram um aumento de 77% de uso da forma indicativa em 2000 para 88% em 2010. No entanto, quando observamos a fala de cada personagem isoladamente, como mostra o Gráfico 5, a variável faixa etária apresenta frequências favoráveis tanto para a turma criança como para a turma jovem.

Gráfico 5 - Relação da faixa etária das personagens pelo uso do imperativo associado ao indicativo



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O Gráfico 5 mostra a oscilação do uso do imperativo, com alguns personagens, utilizando mais a forma associada ao indicativo quando criança e outros quando jovem. Nos gibis da turma criança, os personagens que mais fazem uso da forma indicativa são Chico Bento (83%) e os demais personagens da zona rural (88%). Já na *Turma da Mônica Jovem*, Chico Bento continua com um alto uso do imperativo no modo indicativo (92%), seguido por Cascão (90%). Porém, a maioria dos personagens - tanto na turma criança quanto na turma jovem - teve mais de 50% de uso da forma indicativa, o que nos leva a concluir que a variável “faixa etária” não foi um fator que proporcionou variação. Mesmo assim, o gráfico detalha a alta porcentagem da forma imperativa para todos os personagens, salvo os Inanimados nos gibis da *Turma da Mônica* e os Indígenas e os Pré-históricos na *Turma da Mônica Jovem*.

Outra questão levantada por Andrade, Melo e Scherre (2007) é que os personagens da Turma do Chico Bento possuem mais traços da oralidade em seu vocabulário, porém as autoras constataram que até mesmo a análise feita sem considerar Chico Bento e os personagens rurais mostra-se favorável ao uso da variável no indicativo. Elas acrescentam que o fim do regime ditatorial no Brasil pode ter sido um fator determinante, para que a língua possa ter ficado com mais marcas da oralidade, fruto de um período de maior liberdade de expressão desfrutado pelos brasileiros. Sobre as influências de acontecimentos históricos, as autoras afirmam que é importante notar que “as línguas são também analisadas como forma de comportamento cultural, se relacionam com as predisposições culturais das pessoas que as falam (e/ou as escrevem) e que com elas se identificam” (p. 5). Para Andrade, Melo e Scherre (2007), as formas imperativas associadas ao indicativo não demonstrariam uma força tão autoritária quanto à forma subjuntiva.

Podemos imaginar que a variante mais conservadora (associada ao subjuntivo) seja deixada de lado, já que vivemos em um tempo de maior liberdade de expressão, onde há aumento significativo da quantidade de textos escritos produzidos decorrente da comunicação pela internet.

Para compreender essa tendência, é preciso pensar no contexto atual da sociedade brasileira. A geração atual, os *Millennials*, são uma geração mais conectada e com aversão a barreiras e autoritarismo. Segundo Howe e Strauss (2000), que cunharam o termo, os *Millennials* são uma geração que nasceu a partir de 1982, essa geração seria mais numerosa, educada e etnicamente mais diversa que a geração X, sua antecessora. Howe e Strauss também afirmam que os *Millennials* seriam mais otimistas e engajados. Além disso, graças à internet, notícias globais e fronteiras nacionais porosas, eles estão se tornando a primeira geração que cresceu se considerando global. E eles

reforçam que a internet tem dado aos jovens uma voz independente e alcance mundial, inimagináveis há somente uma década atrás.

Outra bandeira defendida por Howe e Strauss (2000) é que a cultura *pop* é a prioridade número um daqueles ansiosos para proteger os ideais dos *Millennials*. Storey (2009) expõe que cultura popular ou cultura *pop* é vista e definida sempre em contraste com outros tipos de cultura (cultura folclórica, cultura dominante etc.), porém, para Storey, o termo cultura *pop* é uma categoria conceitual vazia, podendo ser preenchida por várias vertentes, ou seja, é um termo com várias definições. O autor caracteriza seis definições de cultura *pop*, levando em conta as diferentes definições de cultura e de ideologia. No entanto, o presente trabalho utiliza a definição de "cultura comercial produzida em massa", considerada por nós como mais apropriada para os propósitos deste estudo. (STOREY, 2009, p. 22).

No caso dos gibis da *Turma da Mônica*, é notável a influência da cultura *pop* e da internet, fato primordial para falar da língua dos jovens *Millennials*. A Figura 1 é um exemplo dessa identidade cultural.

Fig. 1 - Revistinha *Avaturma* de 2011



Fonte: Sousa (2011, p. 14)

A Figura 1 mostra a revistinha chamada *Avaturma*, uma referência ao *blockbuster*, isto é, filme de grande sucesso norte-americano, *Avatar*, de James Cameron. O filme estaria inserido na cultura *pop* por ser uma obra feita para atingir vários públicos em todo o mundo, além de ter sido um fenômeno de bilheteria. Na Figura, notamos o uso de palavras que remetem ao meio digital, como “conecta aí” (imperativo associado ao indicativo), e o uso de abreviação típicas do meio digital como “blz!”. Os gibis, como um produto que precisa da empatia do público para ser vendido, necessitam



representar a fala desses jovens *Millennials*, para que estes se identifiquem com os personagens e comprem as revistinhas. A linguagem familiar da internet e o conteúdo referente a produtos da cultura *pop* representados nos gibis podem nos mostrar como esses jovens estão se comunicando hoje em dia.

Considerações Finais

Neste trabalho, desenvolvido sob o viés da Sociolinguística Variacionista, com base em um *corpus* constituído por 23 gibis da *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*, observamos as variáveis que interferem no comportamento do imperativo nestas revistas em quadrinhos e também comparamos os resultados obtidos com os achados de outro estudo, cuja proposta se assemelha a que fora delimitada por nós neste estudo.

Dentre os resultados desta pesquisa, apontamos primeiramente para o aumento do uso do imperativo associado à forma indicativa, ocorrendo em grande número, principalmente, quando comparamos seu uso de uma geração para a outra. As rodadas no programa *GoldVarb X* mostraram que a variável décadas foi a principal responsável para que essa mudança em processo ocorresse. Assim, o comportamento mais conectado e liberal da geração *Millennial* foi apontado como causa do crescente uso da forma indicativa.

Com esses resultados, concluímos que as variáveis controladas neste estudo trouxeram achados capazes de responder os nossos questionamentos iniciais. A prevalência da forma indicativa no imperativo nos mostra a dinamicidade das línguas, demonstrando a alteração na frequência de uso de uma forma para a outra ao longo dos anos.



Referências

- ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica. In: *Jornal de Letras da UniCEUB*. Brasília, Ano 3 – número 1 – Agosto de 2007a.
- BORGES, Poliana Rossi. Formas imperativas em tiras de jornais paulistas. *Estudos Lingüísticos XXXIV*. São Paulo. 2005, p. 738-743.
- CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. O imperativo gramatical no português brasileiro. *Estudos Lingüísticos*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jun./dez, 2006, p. 317-340.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. Paris: Mouton Publishers, 1957.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FIGUEROA, Ester. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1996.
- HOWE, Neil; STRAUSS, William. *Millennials rising: the next great generation*. New York: Vintage books, 2000.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana Maria Stahl. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Editora Parábola, 2007.
- LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Papers*, n. 44, p. 1-16, 1978.
- _____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. Quantitative Reasoning in Linguistics. Available, 2008. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers?QRL.pdf>>. Acesso em 30 ago. 2018.
- _____. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MENDES, Glaydson Dias. *O imperativo na escrita do português brasileiro: variação ou mudança?* 2015. 31 f., il. Monografia (Licenciatura em Letras Português) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- LIMA, Geovane Maciel. *O modo imperativo em propagandas: um caso de variação lingüística*. 2014. 59 p. Monografia Letras – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.
- MEYERHOFF, Miriam. *Introducing Sociolinguistics*. Routledge: London and New York, 2006.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.
- PINTZUK, Susan. *Programas VARBRUL*. Rio de Janeiro-RJ, UFRJ, 1988.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 147-177.
- SOUSA, Maurício. *Turma da Mônica: clássico do cinema*, Avatura. São Paulo: Panini Brasil LTDA, n. 24, 2011.
- STORY, John. *Cultural theory and popular culture: an introduction*. New York: Pearson Longman, 2009.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002 [1972].



SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2008 [1915].

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *I Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Submissão: agosto de 2018

Aceite: novembro de 2019